

A GEOGRAFIA ESCOLAR E OS RECURSOS DIDÁTICOS: O USO DAS MAQUETES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA

(School Geography and the teaching resources: the use of models in teaching-learning of Geography)

RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar como os recursos didáticos podem contribuir para uma aprendizagem significativa do ensino de Geografia. Para tanto, faz-se aqui um apanhado histórico sobre a crise da Geografia escolar, atentando para a banalização do saber geográfico que é trabalhado nas escolas. Através disso, também se discute aqui sobre as repercussões significativas que o Movimento de Renovação trouxe para o ensino da mesma. Embora o movimento tenha culminado em discussões que viabilizassem um saber geográfico mais contextualizado com a realidade educacional dos estudantes, o que ainda se tem percebido é uma supervalorização das tecnologias da informação em detrimento da educação em geral e principalmente da ciência geográfica, assim, a internet, os jogos, a televisão entre outros, vem ganhando uma aceitação maior em relação aos jovens do que o próprio ensino habitual. Pensando nisso, o presente artigo objetivou analisar como essas ferramentas que fazem parte do cotidiano dos jovens podem ser utilizadas no ensino-aprendizagem da Geografia, de maneira a torná-lo mais interessante aos olhos dos estudantes. Desta forma são apresentados, neste trabalho, a potencialidade de alguns recursos didáticos, dando-se ênfase na produção e utilização de maquetes.

Palavras-chave: Geografia escolar; Recursos Didáticos; Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This article is intended to show how teaching resources can contribute with significant learning of teaching of geography. Thereby, here it is a historical overview about the crisis of school geography, focusing on trivialization of geographic knowledge that is worked in schools. Attached on it, also discuss about repercussions that the renewal movement has brought to the teaching of the same. Although the movement has culminated on discussions that enables the better point of view of geographic knowledge with educational reality of students, that still have been perceived the overvaluation of information technology at the expense of education, generally and essentially on geographical science, thus, the Internet, games, television and others, has been more accepted among young people than traditional teaching. Thinking about it, this article aimed to analyze how these tools as a part of young people's life can be used on teaching-learning of Geography, in order to become more attractive to the students. In this way, are showed, in this project, the potentiality of some teaching resources, with emphasis on production and uses of models.

Keywords: School Geography; Teaching resources; Teaching and Learning.

Vlândia da Silva

Discente do curso de Licenciatura em
Geografia pela Universidade Federal do
Ceará (UFC).
Campus do Pici - Bloco 911 - CEP 60455-760
Fortaleza (CE) – Brasil
Tel: (+55 85) 3366 9855
vladia89@yahoo.com.br

Alexsandra Maria Vieira Muniz

Professora. do Departamento de Geografia
da Universidade Federal do Ceará
geoalexandra@ufc.br

INTRODUÇÃO

A postura tradicional que a Geografia adotou ao longo dos anos e que permanece ainda hoje em muitas escolas resultou na crise vivenciada pela Geografia escolar e encontrou sua raiz no seio da Educação Tradicional que, fundamentada pela base teórico-metodológica positivista, preocupou-se simplesmente com a transmissão de conhecimentos, desconsiderando o papel político, cultural e social da educação.

Presa a esse princípio, a Geografia, por muito tempo considerou os acontecimentos que rodeavam o mundo como algo externo aos interesses dos alunos, reduzindo o saber geográfico à simples memorização dos dados.

Na tentativa de por fim a essa postura, surge na década de 1930, predominando pelas décadas de 1970 a 1990, o Movimento de Renovação da Geografia que concebeu uma série de discussões com o propósito de questionar as bases teórico-metodológicas que sustentavam a Geografia tradicional e elaborar propostas que desse um novo rumo ao saber produzido por tal disciplina. Nascia então uma Geografia que adotava novas concepções metodológicas sob a égide das tendências denominadas como Geografia Quantitativa, Geografia Humanista e Geografia Crítica.

Cabe salientar que cada tendência era orientada por diferenças instrumentais e metodológicas, uma vez que a Geografia Quantitativa buscava propiciar à disciplina um caráter mais científico com o fim de proporcionar seu desenvolvimento teórico, enquanto a Geografia Humanista sob a ótica das concepções marxista, existencialista, sociológica e fenomenológica buscava ressaltar os valores humanos, apoiando-se, desta forma, na busca de métodos que colocavam a razão como último valor da verdade. Já a Geografia crítica tinha fortes tendências do materialismo histórico dialético e buscava um ensino mais condizente com os acontecimentos que permeavam a atualidade, tendo preeminência e intensa repercussão no desenvolvimento do pensamento geográfico e na prática do ensino escolar.

Apesar das transformação na postura teórico-metodológica e na forma de se pensar e se fazer a ciência geográfica advindas com o Movimento de Renovação, de início, não se constatou muitas mudanças na prática escolar. Afinal, a Geografia Crítica que estava se consolidando nas instituições de ensino, chegava às escolas de maneira verticalizada, pois embora se tenham atingindo propostas de conteúdos mais contextualizados com as mudanças que ocorriam no mundo, estes continuavam chegando de maneira pronta e acabada aos professores.

Na realidade, a mudança consistiu na substituição de conteúdos neutros e acríticos, por outros assuntos que permitiam uma maior reflexão sobre as questões que permeavam a realidade.

Desta forma, ainda hoje se é notável, no ensino de Geografia, uma postura tradicional em que os conteúdos continuam sendo tratados de maneira fragmentada, o que tem gerado uma hierarquização do conhecimento centrada na figura do professor, como agente detentor da verdade.

Tal fato se reflete na permanência da crise na Geografia escolar, pois é evidente o desinteresse dos alunos por esta ciência, o que tem gerado preocupações.

Partindo destes percalços, o presente artigo pretende analisar as contribuições dos recursos didáticos para o ensino-aprendizagem de Geografia com o fim de demonstrar como esses elementos são capazes de despertar o interesse dos alunos e tornar o ensino da disciplina mais lúdico e atraente aos olhos dos mesmos.

A SALA DE AULA E A PRÁTICA DO ENSINO

Na contemporaneidade são perceptíveis como as novas tecnologias vêm interferindo no modo de vida da sociedade, ganhando uma valorização e aceitação cada vez maior. Os programas televisivos, os jogos, a internet entre outros meios conseguem atrair mais a atenção dos alunos do que o ensino tradicional.

Neste contexto, a escola enquanto instituição responsável pela formação de cidadãos deve buscar espaço frente às tecnologias atuais, pois na maioria das vezes se configura como um ambiente fechado, uma prisão a essa adolescência que vive em um mundo mediado por relações virtuais onde, quase sempre, não existe uma visão mais crítica acerca da quantidade de informações que circundam o cotidiano dos educandos.

A banalização do saber construído na escola, por sua vez não tem raiz no uso excessivo da tecnologia, pelo contrário, esse processo é apenas uma consequência da forma equivocada que muitos educadores adotam para ministrar suas aulas. A figura abusiva do professor enquanto ser responsável pelo depósito de conhecimentos e que não respeita os valores e as opiniões dos estudantes contribui para o desestímulo destes, causando uma impressão negativa do ensino.

É preciso desconstruir a figura do aluno como um agente passivo e reprodutor das palavras do professor, mas compreendê-lo como um sujeito transformador que busca construir um conhecimento mutável no tempo e no espaço. O professor precisa desafiar o educando, instigando-o à criticidade e sua atuação na sociedade.

O professor precisa ter a consciência de que verdades não existem enquanto entidades absolutas e perpétuas, pois nada mais são do que concepções sócio-culturais que podem ser refugadas no decorrer da história em função de novas circunstâncias. Não sendo, assim, o conhecimento, algo pronto e estático, as aulas não podem ser ditames de aulas absolutas. (MELO, 2007; p. 98)

Dessa forma, o ensino deve ser um processo de relação mútua entre professor e aluno, caracterizado pela busca interativa de novas formas de aprendizagem que ajudem a tornar a sala de aula um ambiente onde o educando sinta o prazer de estudar, ao mesmo tempo em que seja incentivado à pesquisa, tornando-o dessa forma um investigador na busca conjunta pelo conhecimento.

O ENSINO DA GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DOS RECURSOS DIDÁTICOS

No contexto em que as diferentes linguagens no ensino se apresentam das mais variadas formas, cabe ao professor a função de utilizar estas ferramentas como recurso complementar ao livro didático, ou até mesmo substituí-lo, contribuindo para aprendizagem do ensino da Geografia, com o fim de despertar no aluno uma percepção crítica da realidade.

A intenção é proporcionar uma maneira mais didática de aprender Geografia, levando em consideração o conteúdo a ser ministrado, os objetivos a serem atingidos e o público alvo.

A finalidade não é somente quebrar os paradigmas do ensino tradicional no que se refere ao conteudismo, à memorização do conteúdo e ao distanciamento da realidade dos alunos ou mesmo, simplesmente substituir o professor, a lousa e o livro didático pelo moderno. A questão é bem maior e perpassa a postura teórico-metodológica adotada pelo professor que deve ser, acima de tudo, um educador formador de cidadãos capazes de problematizar, dialogar, desconstruir e reconstruir o conhecimento e dar a este um direcionamento seja no espaço próximo ou distante a partir da educação geográfica.

O recurso didático, por sua vez, não tem a capacidade de garantir inteiramente a aprendizagem do aluno, mas desperta nesse um interesse maior na aula, pois oferece ao educando a oportunidade de trabalhar com elementos que o permitam ser protagonista na construção do conhecimento.

É de extrema importância trabalhar os meios didáticos na perspectiva de estabelecer um diálogo na relação educador/educando, dando novos rumos ao ensino-aprendizagem da Geografia, porém é necessário compreender que o objetivo ao se utilizar um recurso didático não é somente o novo, mas buscar metodologias que permitam uma abordagem mais lúdica referente ao conteúdo da disciplina.

O quadro negro e o livro didático são componentes importantes no processo de aprendizagem, mas podem ser substituídos por outras ferramentas que garantam uma forma mais dinâmica de ensino, sendo, portanto, utilizadas de maneira a possibilitar a melhor compreensão dos conteúdos abordados e o alcance dos objetivos propostos. Porém cabe salientar que o recurso didático tem que ser usado de forma a problematizar os conteúdos com a mediação do educador.

De acordo com, Vieira e Sá (2007; p. 102), “... um professor que tenha domínio de conteúdo e conheça seus alunos consegue trabalhar qualquer tema interagindo com eles, trazendo o seu cotidiano como exemplos para conceitos.”

O importante é o educador ter ciência de que os recursos didáticos por si só não tem a capacidade de produzir aulas construtivas. Cabe ao professor a decisão de contribuir na educação dos alunos e prepará-los para intervir na sociedade de forma crítica e consciente.

Nessa perspectiva, o educador, enquanto incentivador desse processo de formação do aluno pode adotar medidas que o estimule a ler, a tomar decisões e a defender suas opiniões. Assim, o professor pode trabalhar com fórum dissimulado que é uma dinâmica onde os alunos se deparam com direcionamentos distintos acerca de um assunto, tendo, portanto, oportunidade de expressar seu ponto de vista e buscar argumentos concretos que sirvam como base para defendê-lo.

No processo de ensino-aprendizagem da Geografia é preciso levar em consideração o que desperta prazer e curiosidade no educando, por isso, a necessidade de utilizar diferentes meios que possibilitem a construção e a busca de novos conhecimentos. Dessa forma, por que não utilizar os jogos como um importante auxiliar no ensino dessa disciplina?

Os jogos representam um meio didático de importante valor, uma ferramenta instigante para o ensino da Geografia, pois tem um caráter desafiador, uma vez que permite desenvolver no aluno uma capacidade ativa de raciocínio, além de trabalhar a vontade de auto-superação diante dos desafios e a busca de novas estratégias para o alcance dos seus objetivos.

Paralelamente aos jogos, o professor pode trabalhar com recursos de circulação social, como por exemplo, a produção conjunta (educador/educando) de documentários e vídeos educativos ou a utilização da música para abordar assuntos relacionados ao conteúdo em curso.

As fontes de leituras complementares como os jornais e as revistas em quadrinhos também trazem assuntos que podem ser explorados nas aulas de Geografia, e por fazerem parte do cotidiano dos alunos instigam o maior interesse dos mesmos em participar.

O ensino da Geografia abre, portanto, um leque de oportunidade para o uso das mais variadas linguagens. O importante é que estas sirvam como fonte complementar ao livro didático e que o professor saiba utilizá-las, problematizando conteúdos para desenvolver competências e habilidades que permitam ao educando não só descrever o

espaço, mas compreendê-lo, analisá-lo, fazer sua leitura e nele atuar, aguçando sua capacidade argumentativa, participativa, e construtiva. Assim, estaremos evitando a rotina presente na sala de aula do ensino tradicional e contribuindo para uma verdadeira educação geográfica.

O USO DAS MAQUETES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA

Os materiais gráficos e cartográficos, entre outras linguagens, quando associados à construção de conceitos e conteúdos empregados no ensino-aprendizagem da Geografia ampliam as oportunidades de compreensão do espaço geográfico e da realidade em que os alunos se situam.

Os mapas se enquadram nesse processo como elementos fundamentais, pois permitem um maior entendimento dos fenômenos que atuam no espaço. Segundo Simielli (2007, p. 94)

No nosso dia-a-dia ou no dia-a-dia do cidadão, pode-se ter a leitura do espaço por meio de diferentes informações e, na cartografia, por diferentes formas de representar essas informações. Pode-se ainda ter diferentes produtos, representando diferentes informações para diferentes finalidades: mapas de turismo, mapas de planejamento, mapas rodoviários, mapas de minerais, mapas geológicos, entre outros.

Neste percurso, os mapas também se encaixam como uma importante ferramenta de aprendizagem. Para o professor de Geografia é importante despertar nos alunos a necessidade da correta interpretação deste aparato, para que seja desenvolvida, no educando, habilidades de localização e leitura do espaço próximo ou distante, aonde ocorrem os fenômenos em estudo.

Sabendo que o ensino cartográfico não é tão valorizado nas escolas como deveria:

Tanto os mapas murais como os atlas, na condição de instrumentos pedagógicos deveriam ser presença obrigatória na sala de aula de Geografia. Apesar da disseminação dos mapas pela mídia e pela internet, esse material, na escola, precisa ser utilizado no desenvolvimento de um raciocínio geográfico e geopolítico. (PONTUSCHKA 2007, p. 326)

Partindo deste princípio, entende-se que a linguagem cartográfica no ensino de Geografia assume a missão de abrir caminhos para que o aluno esteja apto a entender a sua realidade, sendo assim capaz de representá-la.

Nesse contexto, enquanto elemento cartográfico, as maquetes se apresentam como uma importante ferramenta para o ensino da Geografia, pois simulam uma forma de representação tridimensional do espaço, em grande escala cartográfica que não distorce a realidade. Além disso, propiciam uma identificação do aluno com a realidade demonstrada, uma vez que trabalham com imagens icônicas, ou seja, com símbolos próprios de cada cultura, utilizados para representar os elementos contidos nas maquetes.

No processo de comunicação cartográfica, a mensagem é passada a partir de um conjunto de elementos previamente organizados na maquete. A construção desse recurso didático pelos alunos permite a compreensão do espaço que está sendo trabalhado, valorizando o conhecimento prévio dos mesmos.

Sendo assim, compreendemos que:

A construção de maquetes geográficas, em classe, possibilita reconhecer, através da representação, a compreensão do espaço em que o aluno está inserido; permite integração entre professor x aluno,

entre prática x teoria; exige conhecimento do que (conteúdo) e como (forma) devemos representar; possibilita levantar hipóteses, correlacionar fatos, entre tantas alternativas do processo pedagógico. (NACKE e MARTINS, p. 10)

Nessa perspectiva, é compreensível que os signos funcionam como um sistema de informação cartográfica que alicerça uma maquete, permitindo identificar nesta, a forma e aquilo que ela representa, constituindo, portanto, um importante recurso didático e pedagógico, favorecendo a leitura, a análise e a interpretação do espaço geográfico.

No processo de ensino-aprendizagem, entende-se que incentivar o aluno a produzir maquetes permite uma participação maior deste no processo de aprendizagem, além de dar oportunidade ao educador para perceber o contexto sócio-cultural em que os estudantes estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade desestimulante nas escolas nos mostra que os alunos estão cansados do tipo de educação tradicional, o que reflete no desinteresse destes em aprender. A Geografia acaba se configurando como uma matéria enfadonha que na concepção dos estudantes não passa da simples memorização de conteúdos.

Deste modo, cabe ao professor a tarefa de encontrar novos caminhos para que essa visão acerca do ensino geográfico se desfaça e desperte nos estudantes a consciência de que a Geografia é uma ciência de fundamental importância, pois tem a capacidade de levá-los ao entendimento dos fenômenos que atuam no mundo, partindo de uma escala local para uma global e vice-versa.

Estudar essa ciência perpassa a memorização dos fatos, uma vez que ela prepara o aluno para conhecer o mundo e atuar nele, entender as mudanças no espaço produzido pelo homem, além de ajudá-lo a construir sua cidadania.

Assim, a discussão a respeito das diferentes linguagens que podem ser aplicadas ao ensino-aprendizagem da Geografia não objetivou estabelecer receitas para o ensino de tal disciplina, mas construir propostas que trabalhem a criatividade dos educadores nas diferentes formas de abordar os conteúdos geográficos, além de despertar uma reflexão crítica nos educandos acerca do espaço político-econômico-social ao qual estamos inseridos.

Diante do exposto, concluímos que as diferentes linguagens de ensino são importantes ferramentas no processo de aprendizagem da Geografia, apresentando-se como uma forma de resgatar nos alunos a vontade e o prazer pela ciência geográfica, desprendendo-a de verdades absolutas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLIMEK, Rafael Luís Cecato. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117 – 123.

MELO, Fábio Antônio de. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 94 – 100.

NACKE, Sonia Mary Manfro; MARTINS, Gilberto. **A maquete cartográfica como recurso pedagógico no ensino médio**. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/433-4.pdf>>. Acesso em: 08/12/2010.

PINHEIRO, C. A. Tendências teórico-metodológicas e suas influências nas pesquisas acadêmicas sobre o ensino de geografia do Brasil. **Terra Livre**, Goiânia, v.1, n. 24, p. 177-191, jan-jun/ 2005.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; TOMOKO, Iyda Paganelli, CACETE, Núria Hanglei. Representações cartográficas: plantas, mapas e maquete. In: _____. **Para ensinar e aprender a Geografia**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 323 – 336.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 92 – 109.

STRAFORINI, Rafael. Dilemas do Ensino de Geografia. In: _____. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 47 – 73.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 101 – 116.

Enviado em Maio de 2012

Aceito em Junho de 2012